

Cauborn



**LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO, AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO**
REPRESENTANTE Nº R. B. SUL

¿QUEM ROUBOU MEU ANABELA?

para Zoleva,
suave nuvem de fogo
e água.

I. B.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



¿ QUEM ROUBOU MEU ANABELA?

Valéria, uma senhora de idade indefinível
Genciana, sua prima
Jasmim, um adolescente
Umberto Marcoso, marido de Valéria

Uma sala da casa de Umberto e Valéria Marcoso. Talvez seja a sala-de-estar. Talvez não seja. Nesse espaço, uma ou / duas cadeiras, um sofá longo, bastante gasto e, à esquerda, uma / pequena mesa repleta de frascos. Ao fundo, sobre um praticável, / um biombo esconde uma garçonière. Há roupas espalhadas pela cena: uma saia longa de gala, uma blusa bordada de pedrarias, uma aná - gua e, ainda, pequenas caixas de papelão que contêm rosas de seda.

A atmosfera da sala deixa transparecer um certo desleixo ou, quem sabe, uma impossibilidade de conservar as coisas / em ordem.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

1.

Anoitece. À medida que um relógio bate as seis, a luz ilumina, lentamente, Valéria. Ela está enrodilhada no sofá e tem nas mãos um pequeno volume negro. Lê.

VALÉRIA

(com o cabelo penteado rente à cabeça. Veste um roupão de grandes flores estampadas) "Uma das maneiras mais eficazes para descobrir se tal homem ou mulher é vampiro, é observá-los ao espelho. Sempre que desconfiardes de alguém, procurai postar-vos por trás da pessoa quando ela se penteia. Se o espelho não refletir a imagem dela, isso significa que a dita pessoa é vampira." (pausa) "Se descobrires que tal ou qual hóspede ou parente que habite convosco é vampiro, será de bom alvitre que tomeis certas precauções: Primeiro -Ao vos recolherdes ao leito, procurai ter junto a vossa alcova e acima das janelas uma ou mais résteas de alho. Essa hortaliça não permitirá a entrada da criatura." (Valéria ri) -É bom saber. Vou mandar comprar alho em maior quantidade. (retoma a leitura) "Segundo -Procurai ter sempre à mão um crucifixo de qualquer material. Terceiro -Procurai nos bosques uma árvore de nome bétula. Em noite de lua cheia, cortai um galho que dê para o nascente. Tomai de uma faca de prata e fazei uma ponta no ramo. O estilete acima descrito é a única arma infalível no combate aos vampiros." (pausa) "Os vampiros são, via de regra, ariscos à luz do dia. Organizai uma jantar para duas pessoas e mandai um convite para a criatura. Na noite da festa, fazei um bom fogo na lareira. Assim que o vampiro chegar, deveis palestrar alegremente com ele sem deixar transparecer, em momento algum, a vossa verdadeira intenção. Não deveis temê-lo pois os vampiros são mui belos e de agradável compleição." (Valéria sorri maliciosa e acende um cigarro dando uma profunda tragada. ergue o olhar e vê Genciana à entrada da esquerda. assusta-se, abafa um grito e faz menção de levantar) Como foi que você entrou? Não ouvi barulho nenhum.

GENCIANA

(desveste o casaco de peles que traz sobre os ombros e coloca-o sobre o espaldar de uma cadeira) É que você estava muito entretida nessa leitura.

VALÉRIA

Tão entretida que estava ficando cega e não percebia. (Deixa o livro sob uma almofada) Já não consigo mais ler uma linha. Devorei todos livros da casa, não resta mais nada. Varri as estantes de alto a baixo, conheço todas as prateleiras palmo a palmo, traça por traça. (pausa) Por que você não guarda esse casaco onde o encontrou? Essa pele eu comprei em Buenos Aires, durante a lua de mel. Custou uma pequena fortuna.

GENCIANA

(retoma o casaco e o examina) Ele já está perdendo os pelos. O assento do carro ficou juncado. (entrega-o para Valéria)



VALÉRIA

Verdade. Aqui, na gola, o couro já está quase pelado. Você tem que cuidar mais das coisas. Senão, fim de empréstimo. (veste o casaco) Na época, fiz furor com ele. Ninguém tinha nada igual nesta cidade. E como é quente. Tão aconchegante. (desveste a pele e torna a colocá-la na cadeira) Como está o frio, lá fora?

GENCIANA

Cada vez pior.

VALÉRIA

Quem diria, nesta época do ano, um mês tão agradável. E a geada, hoje de manhã? Dizem que o dia amanheceu com o gelo cobrindo jardins e telhados.

GENCIANA

Eu vi, com estes meus olhos. Quando fui ao mercado, a grama estava branca e estalava sob os pés.

VALÉRIA

Graças a Deus, a água corre de novo das torneiras.

GENCIANA

Graças a mim que desentupi os canos com uma vara de marmelo.

VALÉRIA

É, mas o banho que tomei quase me congelou. Não fosse o conhaque.

GENCIANA

Por que não ligou a água quente?

VALÉRIA

Liguei. A água deve estar muito gelada. A eletricidade mal consegue aquecê-la. (acende um cigarro) Como estão as orquídeas na estufa?

GENCIANA

Estão bem.

VALÉRIA

E, no jardim, as sempre-vivas?

GENCIANA

Mortas. Cristalizadas. O sol de hoje foi muito fraco. Estão cobertas por pequenas gotas de neblina. E há fios de gelo que partem do miolo e correm pelas pétalas. Se você não dormisse o dia inteiro.

VALÉRIA

(corta) Eu só queria saber como estão as sempre-vivas. Me passa um

grampo.

GENCIANA

(retira um grampo do cabelo e o entrega a Valéria)

VALÉRIA

(prendendo uma mecha de cabelo) Uma rosa.

GENCIANA

(dá-lhe uma rosa das caixas de papelão)

VALÉRIA

(prendendo a flor no cabelo) Meu espelho.

GENCIANA

Fica muito bem, assim.

VALÉRIA

Anda, meu espelho.

GENCIANA

Estou dizendo que o efeito é muito bom.

VALÉRIA

Mas que teimosia! (vai à mesa e apanha o espelho) Será que. Será por medo de ver essa cara?

GENCIANA

(silêncio)

VALÉRIA

Ou será que. Porque quando você se olha, o espelho não reflete coisa alguma?

GENCIANA

Estava demorando a começar. Se pensa que vou responder, engano teu. Para mim, tanto faz o que você ou Umberto possam pensar.

VALÉRIA

Agora é que me dou conta: nunca te vi na frente de um espelho. Nem quando você se prepara para sair.

GENCIANA

É que me arrumo no banheiro. Com a porta trancada. E agora, acho bom começar a se vestir. (retira uma pequena garrafa achatada do bolso / da saia e toma um gole. torna a guardar a garrafa)

VALÉRIA

Não tenho a menor vontade de ir àquela recepção, fica sabendo. (muda de tom) Um pouco de laquê para deixar mais rijo este cacho.

GENCIANA

(vai para a mesa onde estão os frascos)

VALÉRIA

Um dia, vamos tirar a limpo essa história.



GENCIANA

(um tanto alheia) Que história?

VALÉRIA

Essa do espelho.

GENCIANA

(silêncio)

VALÉRIA

Depressa! Se Umberto chega e me vê neste estado. Ele é tão irritável.

GENCIANA

Pronto. (voltando) Não sei porque você usa essas coisas. (começa a / aplicar o fixador) Este laquê é tão forte que um dia ele te petrifica o cabelo.

VALÉRIA

A cabeça é minha e faço dela o que quiser.

GENCIANA

(mal contendo o riso) Depois, com a cabeça petrificada, vai ser preciso uma britadeira para te fazer as plásticas. Quantas operações / você já fez, hein?

VALÉRIA

Não fica me lembrando que sou mais velha do que tu. No fundo, você / me tem inveja. (pausa) Tem algo errado por aqui. Que cheiro!

GENCIANA

É o mesmo fixador de sempre. Talvez esteja podre.

VALÉRIA

Que droga! Pára com isso, sufoco!

GENCIANA

O cacho ainda está meio frouxo.

VALÉRIA

Que pestilência! Misturaste veneno aí dentro? (arranca o frasco de Genciana e o joga longe)

GENCIANA

(corre a recolhê-lo) Que desperdício! O laquê anda caro.

VALÉRIA

Que fedor!

GENCIANA

(trazendo o fixador) Outra vez, te cuspo na cara.

VALÉRIA

Duvido. Mas cospe, se tens coragem: te expulso desta casa.



GENCIANA

Astaroth, Asmodeu, escudo duplamente forte, valei-me nesta hora.

VALÉRIA

Já começa, é? Acho bom parar por aí. (pausa curta) Vem e capricha nesse laquê.

GENCIANA

(por trás de Valéria, frasco em punho) Não te entendo. Há pouco você jogou longe o fixador, agora quer mais.

VALÉRIA

Tua ingenuidade me enche a paciência.



GENCIANA

Você foi tão real, tão verdadeira que pensei que.

VALÉRIA

(corta com uma sonora gargalhada) Sempre tive uma certa queda para atriz. Ainda na escola primária, eu era muito elogiada. As irmãs / uivavam de prazer quando eu entrava em cena. Lembro que ^{ao} final de uma peça, a superiora quebrou as mãos de tanto me aplaudir. Na verdade, o sucesso sempre esteve onde eu estou. Por isso, subi na vida; / por isso, tenho um marido; por isso, os homens fremem quando eu passo. Compreende, agora? (pausa) Pára com o fixador e me alcança a cinta. (Genciana obedece) Ah, quem diria? Jamais eu poderia imaginar que em pleno mês de maio o frio pudesse atacar. (veste a cinta) Quietos, lívidos, descendo das alturas silenciosas, em plena escuridão, o frio / vai se deitando nos jardins, esgueirando-se pelas frestas, penetrando nas casas. De repente -Ai! -aquela mão gelada na garganta e -Ai! - a gente é estrangulada em pleno sono. (pausa) As janelas estão bem trancadas?

GENCIANA

Sossega, Nem que o mundo se transforme numa barra de gelo, o frio / aqui não entra.

VALÉRIA

Que diz o serviço de previsão do tempo?

GENCIANA

Parece que vai esfriar mais ainda.

VALÉRIA

Mas até quando essa temperatura vai baixar? Você tem certeza que a / previsão é essa?

GENCIANA

Vim com o rádio ligado. A notícia foi clara.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



VALÉRIA

Me diz, Umberto saiu de sobretudo?

GENCIANA

Acho que não. Em todo caso, é bom que ele aprenda. Não se deve sair desprevenido. O clima é um perigo.

VALÉRIA

Ele pode se resfriar.

GENCIANA

Talvez. Mas assim ele toma jeito.

VALÉRIA

Umberto pode pegar uma pneumonia.

GENCIANA

Vai dizer agora que se preocupa com a saúde dele.

VALÉRIA

Está querendo dizer que nunca dei importância ao bem estar de meu marido?

GENCIANA

Não estava querendo dizer nada.

VALÉRIA

Mas você estava insinuando, pensa que não sei, que sou uma mulher desnaturada. Que espera que o marido se resfrie, que se dane. Ai! tem uma agulha nesta cinta!

GENCIANA

Está sonhando, mulher?

VALÉRIA

Senti a picada. Isto é coisa tua.

GENCIANA

Deixa de besteira e te veste. Não demora, Umberto chega.

VALÉRIA

Ele vai chegar atrasado. Como sempre.

GENCIANA

Hoje, não. Por causa da Festa.

VALÉRIA

Liga pra ele. Pergunta que horas ele vem.

GENCIANA

O telefone não funciona. Desde hoje, cedo.

VALÉRIA

Por que não me disse antes? (pausa) Será que cortaram os fios?

GENCIANA

Quem teria interesse?

VALÉRIA

(enquanto apalpa a cinta) -Você.

GENCIANA

Está bem. Eu cortei os fios.

VALÉRIA

Disso, eu tinha certeza.

GENCIANA

(ri) Mas se nem alicate existe nesta casa.

VALÉRIA

E tuas unhas?

GENCIANA

Ora, chega. Vem, te arruma.

VALÉRIA

Não encontro essa agulha.

GENCIANA

Que pena, não é?

VALÉRIA

Mas alguma coisa me picou.

GENCIANA

Eu sei. Foi a tua consciência.

VALÉRIA

Quando Umberto chegar, conversamos.

GENCIANA

E agora toca a se arrumar. Temos pouco tempo. Esqueceste que estamos no Dia da Libertação?

VALÉRIA

Libertação? Libertação de quê?

GENCIANA

Libertação da Carne. Todo o povo está comemorando.

VALÉRIA

(entre dentes) Maldita Libertação da Carne! Ai, a agulha outra vez.

GENCIANA

Agora pára com isso!

VALÉRIA

Mas que foi que te fiz? Sempre te tratei como irmã. Te recolhi / da sargeta, te limpei o barro da cara, te dei minha própria roupa e agora. Agora esta agulha.



GENCIANA

(forte) Tira a cinta!

VALÉRIA

Então me ajuda.

GENCIANA

Tira numa vez!

VALÉRIA

Não consigo.

GENCIANA

(afrouxa-lhe a cinta) Você vai sem isso.

VALÉRIA

Mas quem é você para ficar por aí me dando ordens?

GENCIANA

Tens que parar, de uma vez por todas, com essa mania de que todo / mundo te quer eliminar.

VALÉRIA

(depois de um silêncio em que examina a cinta) É. Parece que você tem razão. Não encontro agulha nenhuma.

GENCIANA

Umberto vai acabar te internando.

VALÉRIA

Como é que você sabe?

GENCIANA

Isso é comigo.

VALÉRIA

Essa tua certeza. Ele te falou alguma coisa.

GENCIANA

(silêncio)

VALÉRIA

(forte) Confessa!

GENCIANA

Só sei que hoje é o Dia da Libertação da Carne e que há muito não se encontra uma agulha nesta casa. Tudo se perde aqui dentro.

VALÉRIA

(depois de uma pausa em que ela acende um cigarro e Genciana bebe / um gole) Onde anda a minha rede?



GENCIANA

Qual delas?

VALÉRIA

Para prender meu cabelo. Ou pensa que vou sair por aí com uma rede de pesca? (autoritária) Minha rede, faz favor?

GENCIANA

(indo para a mesa onde estão os frascos) Esta mesa está uma desordem, um emaranhado de quinquilharias.

VALÉRIA

Quinquilharias porque são minhas; fossem tuas, a conversa seria / outra.

GENCIANA

(encontra a rede e a entrega para Valéria)

VALÉRIA

(estendendo a rede sobre o cabelo) Desta vez, até que foi rápido.

GENCIANA

(olha para o vazio e fala para o ar) Ainda é muito cedo, por favor.

VALÉRIA

Essa agora, cruzes!

GENCIANA

Não, por enquanto, não. (alheando-se) Não é hora. (cambaleia)

VALÉRIA

Mas o que é isso?

GENCIANA

(alheia) Astaroth, Asmodeu.

VALÉRIA

(conciliadora) Está bem. Me alcança a colônia.

GENCIANA

(débil) Espera um pouco. Estou gelada.

VALÉRIA

Por que não veste algo mais quente? Você está mal agasalhada.

GENCIANA

Astaroth, Asmodeu, ade. s.

VALÉRIA

Pára com isso! (Genciana, com alguma dificuldade, procura pela colônia; derruba alguns frascos, outros objetos rolam pelo chão. Valéria chama forte) Cuidado com as minhas coisas, aí! (baixa



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GENCIANA

(enquanto vai para a mesa onde deixa o frasco) O banho foi para /
teu bem. Não vai haver homem nessa festa que não se pertuure com tua
passagem.



VALÉRIA

Pensa que acredito nessa tua intenção? Deves ter algum plano. Não
sei qual, mas vou descobrir. E o caso do espelho é a mesma coisa.
Ainda vou acabar sabendo tudo e se houver alguma. (é interrompi-
da pela voz de Jasmim que chama da rua)

JASMIM

(fora) Valéria, Valquíria, Vândala!

GENCIANA

(baixo) Tem alguém chamando.

VALÉRIA

Fica quieta, escuta.

JASMIM

(de fora, alto) Que nome infernal é este?

GENCIANA

(indo para a saída da esquerda) Quem você pensa que?

VALÉRIA

(corta) Silêncio! Pode ser uma armadilha. Se forem as irmãs Mattoso,
eu não estou.

GENCIANA

Não podem ser elas. A voz é de homem.

VALÉRIA

Me pareceu também.

GENCIANA

Depois, nem Valéria nem Genciana Mattoso seriam capazes de gritar em
plena rua. E mais: Ela: sabem nosso nome. Costumam vir aqui. São /
tuas amigas de infância. (a campainha da rua soa estridente)

VALÉRIA

(indo para a saída, cautelosa) Sim? Não sera, por acaso, Valéria?

JASMIM

(fora) Exatamente. Valéria de. Impossível decifrar o sobrenome.

VALÉRIA

Marcoso, quem sabe?

JASMIM

Acho que sim. Valeria Marcoso.

VALÉRIA

(para Genciana) É comigo.

GENCIANA

Abro e mando entrar?

VALÉRIA

Se for belo, sim.

GENCIANA

(vai para a saída) Que quer?

JASMIM

(entrando) Até que enfim me aparece alguém. Custei a encontrar a campainha. Está muito escuro aí fora.

GENCIANA

E, então?

JASMIM

Venho trazer o seu horóscopo e procuro fogo e calor.

GENCIANA

Não encomendei horóscopo nenhum.

VALÉRIA

(forte) Deixa o homem entrar!

GENCIANA

Já entrou. (baixo, entredentes) Astaroth, Asmodeu.

VALÉRIA

(volta-se para Jasmim) Sim, meu rapaz? (faz um sinal para que Genciana se retire. ela se afasta)

JASMIM

(um adolescente de cabelo negro. tem o olhar cortante, maldoso, com / uma certa opacidade que pode sugerir, às vezes, uma estranha inocência) Horóscopos por correspondência. Basta que a senhora nos mande seu nome, data e lugar de nascimento. E mais o selo para resposta.

VALÉRIA

(oferece-lhe um cigarro que ele aceita e ela lhe acende) Já encomendei. Não preciso. (tira um cigarro para si)

JASMIM

Mas não enviou o selo para resposta e por isso estou aqui.

VALÉRIA

Senta. (ele obedece) Genciana, prepara uma bebida. Conhaque, para mim. E você toma o quê?

JASMIM

Licôr, se fôr possível. Um pequeno cálice.

VALÉRIA

Com gelo?



GENCIANA

. Claro que não, Valéria. Com o frio que está fazendo?

VALÉRIA

Tem razão.

JASMIM

E por que não o gelo?

VALÉRIA

O que foi que você disse?

JASMIM

Nada. Quero um pequeno cubo de gelo. Bebo assim.

GENCIANA

(sai)

JASMIM

Eu não devia aceitar beber nada porque.

VALÉRIA

(corta) Você está tão mal agasalhado. É bom que beba.

JASMIM

Gosto de por à prova meu corpo. Nem no rigor do inverno eu não uso / pulôver.

VALÉRIA

(apalpa-lhe as mãos) Suas mãos estão frias. O licôr vai fazer bem.

JASMIM

(retira delicadamente as mãos) Na verdade, tenho pouco tempo. Só pos so entregar-lhe as previsões e esclarecer uma que outra dúvida.

VALÉRIA

Pois vamos ao que interessa. Onde está o meu horóscopo.

JASMIM

Aqui, neste envelope.

VALÉRIA

(sentando a seu lado) E que diz ele?

JASMIM

Como posso saber?

VALÉRIA

Mas não foi você que estudou minha data de nascimento, a hora em / que dei o primeiro grito?

JASMIM

Mas, minha senhora.

VALÉRIA

Sim?



JASMIM

Então não é evidente que eu não passo de um simples entregador?

VALÉRIA

Claro que não. Você veste tão bem. Mais parece um noivo pronto para a tarde do casamento.

JASMIM

É que. Como esta é minha última entrega, troquei de roupa. Vou a um baile. (a campainha soa) Parece que tem alguém à porta.

VALÉRIA

Deixa que toquem. (pausa em que apaga o cigarro) Mas você não leu / ao menos uma linha?

JASMIM

(aparentemente preocupado com a possibilidade de alguém querer entrar) Que foi que disse?

VALÉRIA

Meu horóscopo.

JASMIM

Ah, sim. Não. Nunca abri a correspondência de ninguém. Acho muito in discreto.

VALÉRIA

Que pureza! A você eu permito conhecer minha vida. Abra esse envelope.

JASMIM

Prefiro não abrir.

VALÉRIA

Faço questão.

JASMIM

Não é meu costume.

VALÉRIA

(levanta) Você está em minha casa. Abra.

JASMIM

Já que insiste. (abre o envelope)

VALÉRIA

Eu não quis ser grosseira. É que. É que não sei interpretar horóscopos.

JASMIM

(após pausa em que examina a carta zodiacal) Aqui diz que a senhora nasceu sob a luz de.



VALÉRIA

(corta) Isso não me interessa. É coisa antiga. Às aranhas, o passado. E o futuro, às nuvens.

JASMIM

Só o presente, então?



VALÉRIA

(acaricia-lhe o cabelo) Mais do que o presente, o agora. Este momento. Antes que ele se desenvolva e me revele tudo. Quero ouvir de tua boca.

JASMIM

Um roubo está assinalado para hoje. Você vai ser roubada em alguma coisa. É preciso ter cuidado. (a campainha soa)

VALÉRIA

Roubada em alguma coisa. Em que poderia ser? No amor? Esse eu nunca tive e nunca me importei. Na juventude? Essa, pouco se me dá. Mas / ainda posso oferecer muita coisa. (vai para o lado de Jasmim e senta) Minhas mãos, por exemplo.

JASMIM

(tomando-lhe as mãos) São lindas. Estava observando. As unhas, tão / vermelhas e opacas. Como se pintadas a sangue.

VALÉRIA

Pega, aperta-as com força, cheira, mordisca meus dedos.

JASMIM

(beija-lhe os dedos) Elas têm cheiro de esmalte e nicotina.

VALÉRIA

E minha boca? Não parece uma flor noturna?

JASMIM

Não.

VALÉRIA

Não?

JASMIM

(inclinando-se para ela) Uma fruta, isso sim. Uma fruta madura.

VALÉRIA

Morde. Come. (aproximam o rosto e beijam-se)

GENCIANA

(entra trazendo as bebidas) Aqui está o conhaque para Valéria e licôr de violetas para quem deve chamar-se Jasmim.

VALÉRIA

(levanta, recobe os cálices e oferece o licôr para ele) Verdade que seu nome é Jasmim? Como foi que adivinhou, Genciana?

GENCIANA

Intuição.

JASMIM

Eu tenho que ir.

VALÉRIA

Mas você nem terminou o licôr. (para Genciana) Por favor, quer escovar minha peruca? (ela sai) E você, Jasmim, venha comigo. Atrás desse biombo, bebe-se muito melhor. (saem abraçados e desaparecem enquanto a luz morre. música)



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

II

O relógio bate as sete. A luz acende devagar e Genciana entra trazendo uma peruca. Deixa-a sobre a mesa onde estão / os frascos.

VALÉRIA

(atrás do biombo) Sai! Some da minha frente!

JASMIM

(vem de por trás do bio bo. está assustado. traz a camisa, a gravata e o paletó sobre o braço) Primeiro me atraí para cá; agora me / expulsa feito cachorro pesteadado.

VALÉRIA

(surge desfigurada, o roupão rasgado. joga os sapatos e a calça de Jasmim em sua direção; grita) Desaparece! Carrega tua sarna pra fora de minha casa!

JASMIM

Agora é sarna. Ainda há pouco era pele enxuta, corpo de deus, peito de mármore.

GENCIANA

Cabeça de estátua grega. Conheço esse discurso.

VALÉRIA

(avança violentamente para Jasmim) Fora lixo humano!

GENCIANA

(retendo-a) Astaroth, Asmodeu! Me dêem a força que Deus não me deu!

VALÉRIA

Não sei onde andava com a cabeça! Não estava no meu juízo quando. / Não posso. Eu. (deixa-se cair no sofá soluçando)

JASMIM

(calmo, agora) Ela sempre reage assim? (passa a vestir-se)

GENCIANA

Não te assusta, animalzinho sedoso.

JASMIM

(inclina-se para Valéria com intenção de consolá-la)

GENCIANA

(forte) Não toca nela. Melhor deixá-la como está.

JASMIM

Temos que fazer alguma coisa.

GENCIANA

Te acalma. Em dois minutos ela está bem. Conheço o mal dela.



JASMIM

Conhece mesmo?

GENCIANA

Nos criamos juntas. Vai embora de uma vez. O marido dela pode chegar a qualquer momento. E eles têm que ir a uma recepção, ainda / hoje. É uma festa pela Libertação da Carne.

JASMIM

Eu sei. Também vou a uma reunião.

GENCIANA

Veste teu casaco e some. Você quer um cachecol emprestado? Com todo este frio.

JASMIM

Não sou friorento.

GENCIANA

Então, vai. (ele sai e ela vai para Valéria) Ainda não chegou a hora, Valéria. Levanta daí.

VALÉRIA

(soergue-se) Que foi que? Onde estou?

GENCIANA

Um anjo te serviu de cavalo e subiste ao céu. Com uma parada rápida no inferno. Encontraste Astaroth pelo caminho? Ou Asmodeu?

VALÉRIA

Agora lembro: deitei com um deus que depois tirou a máscara. Era a morte.

GENCIANA

Quanta asneira! Me diz: que foi que ele te fez?

VALÉRIA

(levanta) De jasmim ele só tinha o cheiro. Naquela hora. Cara a / cara, com a boca colada na minha, ele disse. Naquele momento, eu / mal consegui entender. Meu corpo já não me pertencia. Era só dele. Jasmim disse que. Ele falou e repetiu tudo. Palavra por palavra. / Junto de meu ouvido.

GENCIANA

Que foi?

VALÉRIA

Disse que morro hoje.

GENCIANA

E que mais, que mais?

VALÉRIA

E não te basta? Me aj ja, Genciana. Não quero morrer. (pausa) Eu



não vou a essa festa. Posso sofrer um acidente pelo caminho. Umberto enxerga cada vez pior e eu não posso dirigir. E as balas / perdidas? Quantos já não foram mortos por balas perdidas? Em plena rua, disparadas não se sabe de onde e nem por quem. ~~Eu não vou a essa recepção.~~



GENCIANA

Você vai. É a Festa pela Libertação da Carne. Lá você vai estar segura. Aqui, não. Este é o pior lugar.

VALÉRIA

Vou falar com Umberto. Ele que decida. Mas eu quero ficar em casa. (acende um cigarro) Jasmim também falou em roubo. Com razão. Porque eu fui roubada. Roubada em tempo. Ele foi o ladrão. Me serve um / trago.

GENCIANA

A bebida está no fim.

VALÉRIA

Tiraste o dia para me incomodar.

GENCIANA

O conhaque só te faz mal ao coração. Zelo pelo teu bem-estar.

VALÉRIA

Pois não parece. Por que deixaste entrar aquele tipo com nome de flor?

GENCIANA

Para te dazer feliz.

VALÉRIA

A mim você não engana. E eu que te retirei da sargeta, te dei minha roupa e minha amizade. Agora vejo: andas tomando partido. Estás do lado de quem quer me eliminar.

GENCIANA

(entredentes) Astaroth.

VALÉRIA

Vai invocando, vai. (a campainha soa) Vã se tem alguém chegando. Se forem as Mattoso, eu não estou. Invente uma história qualquer. (Genciana sai) Ela pensa que pode me enganar. Quer me convencer que ando ouvindo coisas.

GENCIANA

(volta) Nada.

VALÉRIA

Impossível.

GENCIANA

Abri a porta. Olhei o jardim e não vi nada nem ninguém. (soa a campainha)

VALÉRIA

De novo? Deixa. Vou eu mesma.

GENCIANA

Quando é que vai acreditar no que digo?

VALÉRIA

(sai)

GENCIANA

Agora vai ver, com seus olhos, que não tem ninguém.

VALÉRIA

(volta) Estranho. Eu tinha certeza que haviam tocado.

GENCIANA

Eu também ouvi.

VALÉRIA

Mas não havia ninguém.

GENCIANA

O que não faz a menor diferença.

VALÉRIA

Deve ter sido um bando de crianças vagabundas.

GENCIANA

À essa hora, não tem mais criança pelas ruas. Estão todas rígidas, vendo televisão. (soa a campainha)

VALÉRIA

(cautelosa) Não seria Astaroth?

GENCIANA

Há muito que não me visita. E quando vem, é bem mais tarde.

VALÉRIA

Talvez Asmodeu?

GENCIANA

Muito menos. Esse é um pouco arisco. Asmodeu é tímido e muito possessivo. Me quer sozinha e só para ele.

VALÉRIA

Mas hoje é sexta-feira.

GENCIANA

O dia dele é sábado, tarde da noite.



Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

mina, que amanhã tranco tudo e vou morar num convento. Que tal?

VALÉRIA

Taormina? Por que Taormina?

GENCIANA

Buenos Aires, então. Pode deixar. Eu invento uma história. (Valéria sai e Genciana vai para a saída que dá à rua, cantarola) /

-Quem insiste desta maneira,

batendo com tanta força

que despedaça a madeira

da porta

e corrói a campainha?

(ela volta, trazendo Jasmim pela mão)

JASMIM

(seco) Por que tanta demora?

GENCIANA

Tive que me livrar dela, primeiro. (retira a garrafa acharada do / bolso e toma um gole)

JASMIM

Onde está ela?

GENCIANA

Foi cuidar da cara. Se bem que não adianta muito. Ela está muito / gasta, como você sabe. Ela se trata muito. Gasta o que pode para / não envelhecer. O marido dela, meu primo, vive reclamando. Porque, parece, os cremes não têm mais efeito nenhum. (senta) Eu, graças à minha natureza, não preciso disso.

JASMIM

(sentando a seu lado) Eu sei.

GENCIANA

Mas acho que devo começar a me cuidar.

JASMIM

Não precisa.

GENCIANA

Está falando sério?

JASMIM

Claro que estou.

GENCIANA

Que alegria! Nunca nenhum dos outros me disse coisa mais bonita.

JASMIM

Outros?



GENCIANA

(levanta) Como negar? Houve outros, é claro. E haverá outros, ainda, depois de ti.

JASMIM

(levanta e vai para ela) -Isso não me agrada nem um pouco.



GENCIANA

Infelizmente, nada posso fazer. Os outros dois são gente muito importante. Tenho um compromisso com eles.

JASMIM

Então tenho que me contentar em ser o terceiro da lista ou o último?

GENCIANA

Não fica assim, minha flor. O que é verdade é que nenhum dos outros tem o teu peito, teu cabelo feito de sombra. (leva-o para o sofá, onde sentam. acaricia-lhe o cabelo por um tempo) Não fica / contrariado, porque afinal de contas. (pausa curta) Me mostra a / tua mão esquerda.

JASMIM

Para que?

GENCIANDO

(tomando-lhe a mão) Esses dedos são de músico. De alguém que toca instrumento de corda.

JASMIM

Guitarra.

GENCIANA

Deixa-me ver tua palma. Vejamos: onde está a tua linha da vida? / Não encontro nada. Onde fica tua linha da vida, Jasmim?

JASMIM

(gracejando) Acho que se gastou. O trabalho pesado, sabe?

GENCIANA

Tocando guitarra e entregando horóscopos? Tua linha da vida não / existe. Não há nada. Tua palma é lisa como um vidro.

JASMIM

É que a luz aqui não é boa.

GENCIANA

(ainda examinando-lhe a palma) Não existe o menor sinal. Você não está morto, Jasmim?

JASMIM

(aproximando o rosto do de Genciana) Os mortos respiram, por acaso? (quando ela vai beijá-lo, ele recua)



GENCIANA

Tem razão. Os mortos não podem respirar. Deixa-me ver a tua linha do amor. Abre a mão. Assim. Bem que eu desconfiava. Foi desenhada por Vênus. Tua linha do amor é profunda como um abismo. Está toda riscada, cruzada, marcada. Ela é um labirinto de perversão.

JASMIM

(retira a mão violentamente, levanta e afasta-se de Genciana)

GENCIANA

(segue-o e o abraça por trás) Você lidando sempre com horóscopos, com a verdade mais dura, se assusta só porque fingi ler a sua mão? Esquece isso, meu filhotinho de bode. (desfaz o abraço e toma um gole da garrafa) Você não bebe?

JASMIM

Agora, não.

GENCIANA

Deixa de beijo e me conta. É verdade o que diz o horóscopo de Valéria?

JASMIM

Pensa que me engana? Você sabe tão bem quanto eu.

GENCIANA

Quem me dera.

JASMIM

Sabe sim e não te faz de inocente. Você sabe que ela vai ser roubada. Ou vai descobrir um roubo. É pior que isso.

GENCIANA

(corta) Está bem, eu sei de tudo. Sei demais, até. Mas é melhor esquecer. Estamos perdendo tempo numa conversa que não leva a nada. Daqui há pouco, Umberto está de volta. Nesta casa tudo acontece muito depressa e não posso mais esperar. (ajoelha-se frente a Jasmim e, devagar, corre-lhe o fecho da calça. Aproxima o rosto com a boca entreaberta. luz apaga)

I:

O relógio bate as oito. A luz acende devagar e Valéria entra com uma máscara cosmética no rosto.

VALÉRIA

(chama) -Genciana, Genciana!

GENCIANA

(vindo de por trás do biombo) Estava pondo em ordem aquela salin-
ha. Você a deixou transformada num caos. Há manchas de licôr ro-
xo no tapete, lençóis amassados e um mar de perfume pelo ar. Nem
se pode respirar alí dentro.

VALÉRIA

Culpa tua. Quiseste me afogar em lavanda.

GENCIANA

Mas o licôr de violetas não fui eu que derramei.

VALÉRIA

Culpa daquele cabrito com nome de flor.

GENCIANA

Que você atraíu para trás do biombo! Se Umberto entra alí, vai /
acabar descobrindo tudo.

VALÉRIA

(vai até o biombo e espia) Por que não trocasse o tapete?

GENCIANA

Fiz o que deu para fazer.

VALÉRIA

Abre a janela, escancara portas e vidraças, deixa o ar puro entrar.

GENCIANA

Morreremos de frio.

VALÉRIA

(forte) Deixa de conversa e abre tudo!

GENCIANA

Não abro coisa nenhuma.

VALÉRIA

Pois abro eu. E Umberto não vai saber de nada porque nada aconte-
ceu, nada! (vai para o biombo mas Genciana a detém por um braço. /
subjuga-a e grita-lhe face a face)

GENCIANA

Nada, o quê? Ele sabe de tudo há anos!

VALÉRIA

(libertando-se) Umberto não sabe de nada!

GENCIANA

Sabe, sabe e até te ajuda. Ele fingo que dorme, que ignora, mas /
sabe. Há muito que me vem falando. Tom se queixado sempre. De noi-
te, ele vem pro meu quarto e me conta sua desgraça. Eu conheço as



as mazelas de vocês!

VALÉRIA

Língua de trapo! E eu que te dei casa e comida, roupa limpa e.

GENCIANA

(corta) As brigas, tua traição constante, teu ciume. Tudo eu conheço!

VALÉRIA

E te aninhei no calor da minha cama!

GENCIANA

Mas nunca abro a porta pra ele. Disso não podes me acusar. Deixo que ele se lamenta com a boca colada junto ao trinco. Me dá nojo sua queixa sem fim. (Valéria procura, frenética, pelos frascos de perfume. apanha dois . vem para Genciana) Me dá ânsia de vômito / saber o que ele é. E mais ainda o que você é!

VALÉRIA

Só que hoje ele não fica sabendo de nada! (persegue Genciana que cai de joelhos no centro da cena. Valéria derrama as loções sobre a prima) Agora é você que vai cheirar feito uma vagabunda de esquina.

GENCIANA

(de joelhos) Astaroth, Asmodeu! Vejam como me cobrem de aroma. Como me lavam de incenso para receber os dois. Astaroth, Asmodeu! / Entrem de uma vez e permaneçam para sempre.

UMBERTO

(vem da rua) Valéria, o que é isso no teu rosto? Levanta daí, Genciana.

VALÉRIA

Não adianta falar. Ela não ouve porque não está mais aqui.

UMBERTO

Ela tem que parar de beber. Ou ela pára, ou rua.

VALÉRIA

(acende um cigarro) Desta vez, não foi bebida. Foi perfume. Ela não pode usar. fica logo assim, de corpo rijo e olhos revirados. Vê como ela baba.

UMBERTO

Por que você deixa o perfume a seu alcance?

VALÉRIA

Nada pude fazer. Quando cheguei aqui, deparei com a cena.

UMBERTO

Nem se pode respirar aqui dentro. Abre as janelas.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALÉRIA

Não, está muito frio.

UMBERTO

Mas que frio, Valéria?

VALÉRIA

Pois a temperatura não baixou vários graus?

UMBERTO

Como é que é?

VALÉRIA

Deu no rádio.

UMBERTO

Amanhã, vamos ao médico. Você piora dia a dia.

VALÉRIA

Mas se a cidade amanheceu branca de geada. E o serviço de previsão do tempo anuncia uma grande nevada.

UMBERTO

Neve? Ora, pára com isso e vem me ajudar. Vamos tirar Genciana daqui. Imagina se as Mattoso chegam sem avisar. (procura mover Genciana)

VALÉRIA

Dentro em pouco, ela volta a si. Agora está ausente. Morta.

UMBERTO

Não vê que está fingindo? Olha como respira.

VALÉRIA

(com uma gargalhada ante o esforço inútil de Umberto por remover Genciana) Falei que era impossível. Ela tem que acordar por si.

UMBERTO

Cala essa boca! (ofegante com o esforço) Ela pesa uma tonelada, parece uma rocha.

VALÉRIA

Eu disse, eu falei.

UMBERTO

(deixa Genciana e vai para a mulher) Que língua infernal essa tua!

VALÉRIA

Deixa de ser grosseiro! Então passo o dia enfrentando essa desvairada e você me vem dessa maneira?

UMBERTO

E quem te obriga a ficar com ela? Manda embora!



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALÉRIA

Pra ficar sem ninguém? À mercê de qualquer assassino



UMBERTO

Então não fica bancando a mártir. Ando saturado dessa queixa constante, das brigas de vocês duas, do hospício em que transformaram a casa. Não foi pra isso que terecolhi da sargeta, te limpei o barro da cara.

VALÉRIA

(corta, forte) Não me vem com essa história de barro e sargeta!

UMBERTO

De onde foi então?

VALÉRIA

A casa de meu pai nunca foi esgoto!

UMBERTO

Como se não te conhecesse! Como se não lembrasse que te achei mergulhada numa cloaca!

VALÉRIA

(vai para Genciana e pega a garrafa) Continua, continua. Um dia, / faço as malas e te mando pro inferno! (bebe um gole)

UMBERTO

(deixa-se cair no sofá) Pois faz o que quiseres. Mas, por enquanto, vem cá, vem. Senta aqui comigo.

VALÉRIA

Me trata como se eu fosse um animal de carga, depois me vem com essa. Olha, estou começando a cansar, a ficar cheia de tudo isto.

UMBERTO

(estirando-se no sofá) A vítima da vida reza mais uma vez a ladainha de suas dores. (ri) Deixa isso para a hora do adeus. Melhor tirar / essa pintura da cara.

VALÉRIA

Isso é máscara de morangos, ignorante.

UMBERTO

Coitada. Melhor seria que comesse a fruta.

VALÉRIA

Você não merece um olhar, quanto mais uma resposta. (a campainha / soa. pausa. ambos se olham. ela, agora em tom mais baixo) Vai ver / quem é. Se forem as Mattoso, eu não estou. Dá uma desculpa e não / deixa entrar. (ele sai para atender a porta; ela procura um lenço / de papel e começa a retirar a máscara)

UMBERTO

(voltando) Não era ninguém. Estranho isso. Tive a impressão exata de

GENCIANA
(silêncio)

UMBERTO
Por que ficou tanto tempo fora? Por onde andou?

GENCIANA
Se conto, ninguém me acredita. Se não falo, pensam que escondo alguma coisa. (procura no bolso a garrafa) Onde está o meu conhaque?

UMBERTO
(vai até a mesa onde estão os frascos, apanha a garrafa e a entrega para Genciana. Ela toma um gole) Fala. Onde foi que você esteve?

GENCIANA
(guardando a garrafa no bolso) Numa terra desconhecida. A erva do chão era tostada e o ar era um braseiro.

UMBERTO
(deixa-se cair, rindo, no sofá) Sempre a mesma história. Você podia, pelo menos, variar um pouco.

GENCIANA
Desta vez fui carregada pelos ares: voei montada em dois anjos de asas negras.

UMBERTO
(levanta e vai para ela) E como eram eles? Belos ou terríveis?

GENCIANA
Não posso dizer porque me pediram silêncio.

UMBERTO
Que obediência mais ridícula.

GENCIANA
Já falei demais.

UMBERTO
Também sei guardar segredos. Tanto é que Valéria nunca desconfiou de nada.

GENCIANA
Melhor assim. Se soubesse, seria um pesadelo.

UMBERTO
(tomando-a pela mão) Vem comigo.

GENCIANA
Para onde?

UMBERTO
Atrás desse biombo, começa uma terra selvagem que não se pode per



correr sozinho. Alí, teu sonho se transforma em carne e força. Há um campo de batalha escondido. Lá o chão se inflama e somos tragados pela grande fenda que se abre na terra. Depois, quando subimos de novo, voltamos transpirando cinzas, com o peso da / derrota na cara mas coroados de glória. Vem comigo. Eu te ensino o caminho.

GENCIANA

(libertando-se, forte) Nunca! Aquele lugar é de Valéria.



UMBERTO

E por uma questão de respeito não quer vir comigo?

GENCIANA

Respeito? Mas você não entende? É que não me dá prazer. Só nojo.

UMBERTO

Quer dizer que tem nojo de mim? E só agora percebe? É de dar pena. Depois de tanto tempo a infeliz se dá conta de que.

GENCIANA

(corta) Não, de ti, não. Só dela. De Valéria.

UMBERTO

(senta no sofá) Já que é assim. (pausa longa) Ah, você não pode imaginar que dia incrível tivemos hoje no escritório.

GENCIANA

Faço idéia. Aqui, também, foi terrível. Eu não posso mais com a vida de Valéria. Ela anda cada vez pior.

UMBERTO

Me ajuda aqui, por favor. Tira meus sapatos.

GENCIANA

(ajoelha frente a ele e desata os cordões dos sapatos) Hoje, não / sei porque, ela veio com uma conversa de que fazia frio demais. É / claro que calor não está fazendo. Mas também não é para tanto. (outro tom) Você desistiu de me levar àquele campo de batalha?

UMBERTO

Fica para outro dia. Agora, Genciana, aquela massagem de sempre.

GENCIANA

(fazendo menção de levantar) Precisamos de óleo.

UMBERTO

Por hoje, só com as mãos.

GENCIANA

(começa a massagear-lhe os pés)

UMBERTO

Ah, que coisa tão boa! Me sinto andando sobre água. Caminho sobre rosas, afundo nas pétalas. É como se o mundo se tivesse transformado num imenso roseiral. (dormita) Sabe, Genciana quando te / encontramos, falei para Valéria essa tua prima, não temos espaço / em nossa casa. Ela me respondeu, Genciana dorme em qualquer lugar, na garagem, no porão, no sótão. Não temos espaço. E viajamos tanto. Essa tua prima. Não precisa repetir. Valéria estou te avisando.

GENCIANA

Agora põe os pés bem alto. (aproxima uma cadeira, ergue-lhe as pernas e deixa-as repousar sobre o espaldar) Dorme um pouco. Fecha os olhos e deixa entrar o sono. Você tem que descansar. A festa vai / até alta madrugada. (percebe que Umberto adormeceu. vai para o biombo) Jasmim, está na hora.

UMBERTO

(acorda) Falou alguma coisa?

GENCIANA

(volta) Nada de mais. Estava lembrando que na minha terra os jasmims só abrem de noite.

UMBERTO

Me dá um gole. Para sacudir este resto de sono.

GENCIANA

(entrega-lhe a garrafa) Vai com calma que o conhaque já está no fim.

UMBERTO

Amanhã te compro uma caixa.

VALÉRIA

(entra com o rosto limpo) Melhorei, não melhorei?

UMBERTO

Um pouco. (devolve a garrafa)

GENCIANA

Parece.

VALÉRIA

De vocês não podia esperar outra resposta. Nem sei por que perguntei.

GENCIANA

É o velho costume.

VALÉRIA

(para Umberto que ri da resposta de Genciana) E você podia me dar um pouco de apoio. É a tua obrigação. (para Genciana) Quanto a ti,

outra vez aproveito teu desmaio e te corto a língua.

GENCIANA

Astaroth, Asmodeu!

VALÉRIA

Que te dêem a força que Deus não te deu. Conheço tua reza.

GENCIANA

Belfegor.

VALÉRIA

Tem mais outro, é?

UMBERTO

(atento e divertido) Chega, Valéria. Dentro em pouco temos que estar no Palácio.

VALÉRIA

Quer dizer que vamos mesmo?

UMBERTO

E por que não?

VALÉRIA

Me acho mais segura aqui.

UMBERTO

O Palácio do Governo é uma verdadeira fortaleza.

VALÉRIA

Não me sinto bem. Estou com frio. Cansada.

UMBERTO

A festa só vai te fazer bem. Nós vamos.

VALÉRIA

(para Genciana) As rosas de seda.

UMBERTO

(vai com Genciana para a mesa e recolhem algumas flores das caixas; voltam para Valéria)

GENCIANA

(para Valéria) Deves colocá-las no final. Para que não amassem.

VALÉRIA

E se amassarem? Flores secas ou não, de seda lisa ou amarrotada, que mal há nisso? Eu não tenho solução.

UMBERTO

Esse teu gosto pela exorbitância ainda vai te custar caro.

VALÉRIA

Me alcança a blusa.



GENCIANA

(recolhe a blusa de uma cadeira e a entrega para Valéria)



VALÉRIA

(veste-a) Que horror. O peso deste tecido me deixa um pouco curvada. (para Genciana) Me corre o fecho. (Genciana posta-se por trás de Valéria e faz o que ela pede) Ai! Mais cuidado, animal! Me rasgaste a carne da nuca!

GENCIANA

Não houve nada, nada.

VALÉRIA

Se pudesse, me passava uma navalha nas costas!

UMBERTO

Vocês duas não têm jeito. Me deixa ver isso. (examina a nuca de Valéria)

GENCIANA

Astaroth, Asmodeu!

VALÉRIA

Que dor, como arde!

UMBERTO

(para Genciana) Que foi que você lhe fez?

GENCIANA

Astaroth, Asmodeu!

VALÉRIA

(para Umberto) Vê como ela invoca. Vê como ela chama por seus amantes. É preciso costurar-lhe a boca!

UMBERTO

(salta sobre Genciana) Não te bato mas deixo minha marca nessa goela.

GENCIANA

(mal conseguindo articular) Astaroth, Asmodeu, Belfegor, Bael.

VALÉRIA

(vai para Umberto) Não te cansa. Amanhã ela sai daqui. Vai apodrecer na rua.

UMBERTO

(deixando Genciana que desliza para o chão) E nós que a recolhemos da sargeta, lhe demos teto e afeto.

VALÉRIA

Entrou aqui como um pombo. Agora ela se mostra como é: um chacal.



UMBERTO

Acho que. Será que ela morreu?

VALÉRIA

Erva ruim, só com fogo se destrói. Daqui há pouco, ela está mais viva ainda, mais tenaz. (outro tom) Umberto, examina as minhas espáduas. Vê se o sangue já secou.

UMBERTO

(depois de examinar-lhe as costas) Não tem sangue nenhum. Foi apenas um arranhão. Coisa de nada.

VALÉRIA

É que a ardência foi tanta.

UMBERTO

Não houve absolutamente nada. Falando a verdade, nem arranhão não houve. Foi impressão tua. Talvez ela tenha mesmo tentado, mas nada conseguiu.

VALÉRIA

É que estavas por perto. Se estívéssemos sozinhas, as duas.

UMBERTO

(beijando-lhe as costas) Um beijo, e a carne retoma sua forma antiga.

VALERIA

Você ainda me ama?

UMBERTO

(afasta-se rindo) Que pergunta, Valéria.

VALÉRIA

Você não me respondeu.

UMBERTO

Nunca te vi tão feliz.

VALÉRIA

(terminando de vestir-se) É a perspectiva da festa. Escuta, não foi a campainha?

UMBERTO

Desta vez, não. (indicando Genciana) Acho que ela está acordando.

VALÉRIA

Cada vez ela fica mais tempo fora. (para Genciana que sentou) Você anda demorando muito a voltar.

GENCIANA

Desci ao fundo da terra.

VALÉRIA

Ela está enlouquecendo. Às vezes sobe ao céu, outras vezes desce ao inferno.

UMBERTO

(para Genciana) E encontraste Satanás?

GENCIANA

(já de pé, aponta Valéria) Não encontrei nada a não ser ela! Ela estava lá! Em vez de cabelo, tinha uma trança de chamas. E uma / brasa acesa em cada olho. Ela me fixou, senti o calor de seu olhar. Me pediu que a tirasse dali.

UMBERTO

Que mais?

GENCIANA

Nada mais posso dizer.

VALÉRIA

Não dá importância ao que ela diz. (vai para a mesa onde apanha um colar de pérolas. coloca-o)

UMBERTO

(para Valéria) Onde foi que você esteve?

VALÉRIA

Em parte alguma. Não botei o pé fora de casa, o dia todo. (apanha um espelho de cabo para ver o efeito do colar)

GENCIANA

(forte) Ela estava lá. Eu vi.

UMBERTO

(para Valéria) Há tempos ando pensando coisas, desconfiando de ti.

VALÉRIA

(acende um cigarro) Então não percebes que ela está mentindo? Que / está querendo nos jogar um contra o outro? Como podia ter eu saído se estive aqui o tempo inteiro?

GENCIANA

Há muitas maneiras de sair. Eu te vi com estes olhos que Astaroth adora e Asmodeu cobre de beijos.

VALÉRIA

Vês? Nem na tua frente ela me respeita. Fala abertamente em seus / amantes.

GENCIANA

Astaroth, Asmodeu me dêem a força que Deus não me deu.



VALÉRIA

(para Umberto) São mais de dois, mais de três, muitos mais!

UMBERTO

Não desconversa.

VALÉRIA

E você também faz parte da lista!

UMBERTO

Onde foi que andaste metida?

VALÉRIA

Passei o dia lendo, pergunta a ela. Não, não pergunta. Não adianta. (apaga o cigarro com raiva)

GENCIANA

Quer saber por onde ela andou? Pergunta a Jasmim. (soa a campainha; ela quer sair mas é detida por Umberto)

UMBERTO

Espera. (a campainha soa novamente)

VALÉRIA

Nesta época não há mais jasmims. Procura outra coisa para me delatar. (a campainha soa insistente)

UMBERTO

(alto) Um momento, já vou! (sai)

GENCIANA

Não sou de delatar. Mas acho que teu marido deve conhecer teu / outro lado.

VALÉRIA

Te prepara: ao voltar da festa, ajustamos contas.

GENCIANA

Não vai haver recepção nenhuma.

VALÉRIA

(após um silêncio curto) Me busca a peruca. (Genciana apanha a peruca e a entrega) Você não a escovou como devia. Está toda arrepiada. (enfia-a) Vê como fica atrás e cuidado com essas unhas.

UMBERTO

(entrando) Houve um acidente.

VALÉRIA

Não me diga que.

UMBERTO

(corta) Com as irmãs Mattoso.

GENCIANA

Eu tinha um pressentimento.



UMBERTO

Uma delas está morta.

VALÉRIA

Logo hoje que vamos à Festa da Libertação da Carne.



UMBERTO

Aconteceu há pouco. O chofer veio trazer a notícia.

VALÉRIA

Mas se ontem ainda estiveram por aqui, as duas. Silenciosas, como / sempre, mas mesmo assim.

UMBERTO

(corta) Foi exatamente isso que provocou o acidente. Tudo muito simples: há anos que Valéria e Genciana Mattoso nada conversavam porque nada tinham a dizer uma à outra. Falavam apenas o essencial: vou / sair, não sei se volto, chegarei tarde. Haviã esgotado todos assuntos, todos interesses. Havia um ódio imenso entre elas. E uma frieza, uma frieza como só pode haver entre parentes. Hoje, à tardinha, quando Genciana voltava da rua, encontrou a irmã cantarolando. Primeiro, ficou um tanto surpresa; depois, sentiu-se atingida pela letra da canção que, na verdade, Valéria tinha composto, há pouco, para massacrar a irmã, conforme relatou o chofer. O chofer, além de / empregado das duas era, também, seu confidente e, nas horas vagas que tinha, era também seu.

VALÉRIA

(corta) Eu já sabia.

UMBERTO

O caso é que Genciana respondeu à altura. Palavra puxa palavra. De repente, perceberam que estavam conversando. Na verdade, discutiam / apaixonadamente. Horrorizadas, em pânico ante o som de suas próprias palavras, optaram, ao mesmo tempo, pela saída mais rápida: a janela do oitavo andar em que moravam.

VALÉRIA

Cada um sabe o que lhe convém. Vamos ao funeral?

UMBERTO

Claro que não. O que não diria o governador se não fôssemos à festa.

VALÉRIA

Mas alguém tem que ir. Elas eram tão amigas nossas.

UMBERTO

Mandaremos flores.

VALÉRIA

Você vai, Genciana.

Não nasci pra carpideira. Depois, de que adianta?

VALÉRIA

Você tem que ir. Vai nos representar.

GENCIANA

Tenho mais o que fazer.



UMBERTO

Esquece as Mattoso, Valéria. Termina de te vestir e vamos para a festa.

GENCIANA

Foi Valéria ou Genciana quem morreu?

VALÉRIA

(forte) Isso não interessa! Que diferença pode fazer? (de agora em diante mais agitada) Minhas pulseiras.

UMBERTO

Foi Valéria.

VALÉRIA

Valéria?

GENCIANA

(cautelosa) E Genciana Mattoso?

UMBERTO

Salva por milagre. Quando faltavam apenas alguns metros para bater no asfalto, começou misteriosamente a flutuar. E pousou lenta e sua ve.

VALÉRIA

As rosas de seda. Quero muitas. (vai para a mesa onde estão as caixas de papelão) E as pulseiras, os brincos. Meus anéis. Quero tudo, tudo. (procura freneticamente e Genciana a ajuda)

GENCIANA

Quantas rosas você quer?

VALÉRIA

Quero muitas no meu peito. E muitas na cabeça. Eu mesma vou escolher. (forte) Sai daqui, Genciana!

UMBERTO

(para Valéria) Acho que você vai ficar um pouco florida demais.

VALÉRIA

(pondo os brincos e os anéis, esparrama rosas pelo chão) Isso quem sabe sou eu. Vocês cuidem que tudo esteja sempre à minha mão. Genciana, recolhe as rosas.

UMBERTO

Agora é que reparo, Valéria. Não me diga que pretende ir descalça à festa.

VALÉRIA

E daí? Haveria algum problema?

UMBERTO

Sim. Os guardas do palácio podem nos barrar a entrada. Vão pensar / que somos um casal de marginais.

VALÉRIA

Com todo este meu aparato?

UMBERTO

Vá como quiser. Mas talvez acabe indo sozinha.

VALÉRIA

Não seja tolo. É evidente que vou calçada.

GENCIANA

Com cascos de cabra?

VALÉRIA

Um dia, tua língua apodrece.

UMBERTO

Não seja tão vulgar, Valéria. (para Genciana) E você, mais cuidado / quando fala.

GENCIANA

Astaroth, Asmodeu!

VALÉRIA

(para Umberto) É claro que você não podia me dar apoio. Ela tripudia em cima de mim e a grosseira sou eu. Vai chegar um tempo em que você vai me implorar que me livre dela.

GENCIANA

Astaroth, Asmodeu!

UMBERTO

(para Genciana)

Vai buscar os sapatos.

GENCIANA

Quais?

VALÉRIA

(forte) Meus anabelas! (para Umberto) Dá-lhe a chave.

UMBERTO

(passando uma chave para Genciana) Depressa que já estamos muito atra^usados. (Genciana sai) Se continuamos neste ritmo, jamais chegaremos à festa.



GENCIANA

Não tem, não tem sapato nenhum.

VALÉRIA

Me dá essa chave.

UMBERTO

(muito calmo) Os anabelas estão lá. Eu vi.

GENCIANA

Não estão e Asmodeu é testemunha.

VALÉRIA

Mentindo como sempre.

UMBERTO

(para Valéria) Vamos até lá. (saem)

GENCIANA

Nunca dão importância ao que falo. Isso vai acabar trazendo aborrecimentos. (pausa) Astaroth, Asmodeu, vede como esta esposa e filha amantíssima é maltratada. Astaroth, Asmodeu, protegei-me na luz e / na treva. (cai de joelhos) Miserere me.

UMBERTO

(com Valéria) Aí esta ela: possessa de novo.

VALÉRIA

Aproveitou nossa saída e deixou que entrassem.

UMBERTO

(retira uma pistola do bolso e a encosta na têmpora de Genciana) Vo
cê sabe o que é isto?

GENCIANA

(muito calma) Nunca tinha visto, mas sei que é uma arma.

UMBERTO

Você sabe para que serve, não sabe?

GENCIANA

Para matar.

UMBERTO

É o que vou fazer contigo, se você não disser que fim deu aos sapatos de Valéria.

VALÉRIA

(para Genciana) Se não foi você, quem roubou meu anabela?

GENCIANA

Não sei de nada. E se soubesse, ficava quieta.



VALÉRIA

Mata, Umberto, mata!

GENCIANA

Não sei de nada, nada.

UMBERTO

(guarda a arma)

VALÉRIA

(ao perceber que Umberto desiste de usar a arma) Estás caindo em sua armadilha de mentiras, Umberto, Mata! (a campainha soa com insistência)

GENCIANA

(levanta com esforço) Se for Valéria Mattoso, digo que não tem ninguém. Se for Genciana, mando entrar. (sai)

UMBERTO

Ela te viu fora de casa. Onde foi?

VALÉRIA

Temos que ir à recepção. O governador nos espera. Eu calço outro / sapato.

UMBERTO

Com quem você me traiu hoje, Valéria?

VALÉRIA

Por que não a mataste? Não havia melhor ocasião.

GENCIANA

(volta) Não era ninguém.

UMBERTO

(vai para Genciana) Onde foi que você a encontrou?

GENCIANA

Quem?

UMBERTO.

Valéria.

GENCIANA

Num lugar que não tem nome.

UMBERTO.

(salta sobre Genciana e torce-lhe o braço) Te quebro osso por osso, te arrevento. Onde foi que ela esteve?

GENCIANA

(caindo, grita) No inferno! Rodeada por um bando de demônios!

VALÉRIA

Ela terminou de enlouquecer.



UMBERTO

(para Valéria) Quem já desceu tanto, pode bem chegar ao inferno.

VALÉRIA

Agora vejo porque você a defende sempre: ela te interessa!

GENCIANA

(ainda no chão, geme) Astaroth.

VALÉRIA

Leva ela para a festa. Carrega com ela e sumam da minha vida, os dois!

UMBERTO

E por que não?

VALÉRIA

Pode usar essa arma também!

UMBERTO

(silêncio)

VALÉRIA

(rompendo a blusa, mostra-lhe o busto) Usa! Vamos, dispara!

UMBERTO

Te acalma. Vem. Me deixa ajeitar o teu colar. (ela vai lenta e maquinalmente para ele. Ele ajeita-lhe as pérolas e passa a apertarlhe a garganta)

VALÉRIA

(deixa escapar um grito que logo é cortado)

UMBERTO

(depois que Valéria cai) O que mais me irrita em ti não é tua traição constante. De maneira nenhuma é a traição da tua carne. Que essa, se desculpa. Mas a tua traição mental, tua capacidade de fingimento, tua mentira eterna e sem remédio. Essa tua empáfia e arrogância disfarçadas de fragilidade. Nunca tinha pensado em fazer isso. Foi uma iluminação repentina e espontânea. Provocada por ti mesma. Eu fui apenas um instrumento. (silêncio. ele a arrasta para fora)

JASMIM

(saindo de por trás do biombo) Genciana.

GENCIANA

(levanta e joga-se nos braços de Jasmim. ele a retém junto de si / por um tempo) Astaroth, um crime acaba de ser cometido. Nada pude / fazer. Vi tudo e nada pude fazer. foi monstruoso. Ele apertou-lhe a garganta, apertou, apertou.

JASMIM

Eu sei.



UMBERTO

(caminhando para acostumar-se com os saltos) Isto. Uma recepção no Palácio do Governo. É uma festa pelo dia da Libertação da Carne.

JASMIM

Eu também vou.

UMBERTO

Não diga! Nesse caso, podemos ir juntos. (para Genciana) Cuide de Valéria, por favor. Na volta, vejo como ficam as coisas. Vamos, Jasmim?

GENCIANA

Seria bom levar um sobretudo. A temperatura pode baixar novamente.

UMBERTO

Não importa. Ligo a calefação do carro. Vamos, amigo. (Jasmim o toma pelo braço)

JASMIM

Até à vista, Genciana. (saem os dois)

GENCIANA

(só) Até um dia, Jasmim. Até amanhã, Astaroth. Mas como, se hoje / não é o dia combinado e estamos em lua nova? Por que iria Astaroth? (ela fica no centro da cena e as luzes vão morrendo à sua volta. / ela fala e vai num crescendo enquanto a campainha da porta vai soando a intervalos) Mas se Jasmim é Astaroth. Ou Asmodeu. Quem sabe Belfegor? Pobre Umberto! Nunca chegará ao Palácio. (a cena agora está totalmente às escuras restando apenas um fio de luz sobre Genciana) Invisível que tomas a terra por apoio e que rompes o abismo para enchê-lo com teu poder; tu cujo nome faz tremer as abóbodas do mundo; tu que fazes correr os sete metais nos veios da terra, monarca das sete luzes, me leva de novo para teu reino de claridade. Eu velo e trabalho sem repouso; busco e espero, pelas doze pedras da cidade santa, pelos talismãs que estão enterrados, pelo eixo que atravessa o centro do mundo. Astaroth, Astaroth, Astaroth tem piedade desta esposa e filhaamantíssima. Alarga o meu peito, ergue bem alta a minha cabeça e arma bem forte a minha mão. Não permite que meus inimigos me assaltem no caminho, não permite que me alcancem, não permite sequer que consigam respirar quando de mim se aproximam. (a luz que ainda a ilumina vai morrendo e o som da campainha que se tornou contínuo sobe a tal ponto que mal seja suportável)

F I M

